

**PEQUENO EXERCÍCIO DIDÁTICO-BUKOWSKIANO:  
EM DEFESA DE CERTO TIPO DE EDUCAÇÃO, DE UM CERTO TIPO DE VIDA, DE  
UM CERTO TIPO DE CRIATURA COM SANGUE NOS OLHOS QUE UM DIA  
MORRERÁ**

**Cristiano Bedin da Costa<sup>1</sup>**  
cristiano.costa@univates.br

Este é um texto-resto. Melhor: inadequado (tendo sido solicitado, pôde, também por isso, tornar-se uma proposta impertinente). Para que deveria ter servido? Para um livro-coletânea-inventário de exercícios didáticos. Tais exercícios deveriam abordar um problema central, a saber: a ética. Para tanto, deveriam fazer uso de um filme, ao qual estariam problematicamente conectados, ou seja: com o cinema, seriam tornados dispositivos para discussões posteriores. Uma série de outros textos, todos frutos do mesmo propósito, devem agora estar sendo aproveitados em espaços formais, informais e não formais de ensino. Talvez você já tenha utilizado algum deles. Talvez não. O que é certo é que não fez uso deste, avaliado impróprio à publicação por quem o havia solicitado. Tudo por ser considerado não suficientemente científico. E pouco claro. E nada nobre. Caso você decida dar uma chance a ele, fique sabendo que o filme por ele escolhido é *Factotum*, de Bent Hamer, e que o mesmo é inspirado no livro homônimo de Charles Bukowski. Se for um professor ou qualquer outra coisa e acabar por encontrar nele alguma utilidade, sinta-se livre para usá-lo, cortá-lo, modificá-lo, rasurá-lo, estendê-lo até outras conexões. Se não quiser lançar mão do recurso filmico, o contato com a literatura bukowskiana deverá servir. Neste meio, você é livre para escolher entre os poemas, os romances e os contos. Sirva-se. De minha parte, devo dizer que já o utilizei algumas vezes, e que os resultados não foram nada maus. Mas claro que eu posso estar enganado outra vez. Em tempos em que as coisas em educação se fazem por obrigação, fanfarronada ou ufanía, as experiências livres, as tarefas sem importâncias e a defesa *de um certo pensar e de um certo viver de outra maneira* só podem mesmo se configurar como pequenas imposturas, gestos insignificantes ou até mesmo desserviços. É precisamente para essas estranhas ocupações que este exercício deve servir.

I.

[...] de manhã  
eles estão lá fora  
ganhando dinheiro:

juízes, carpinteiros,  
encanadores, médicos,  
jornaleiros, guardas,  
barbeiros, lavadores de carros,  
dentistas, floristas,  
garçonetes, cozinheiras,  
motoristas de taxis...  
e você se vira  
para o lado esquerdo  
pra pegar o sol  
nas costas  
e não  
direto nos olhos.

Charles Bukowski, *Poema nos meus 43 anos*.

## II.

Los Angeles, primavera de 1946. Um jovem escritor e *mosca de bar* de 26 anos recebe uma carta de Caresse Crosby, proprietária da Black Sun Press, editora responsável pela publicação de importantes nomes da filosofia e da literatura modernas, tais como James Joyce, Jean-Paul Sartre, Jean Genet e Henry Miller. O destinatário, que meses antes enviara o conto *20 Tanks from Kasseldown* à revista *Portfolio*, responde ao interesse de Crosby pelo autor da história de um apenado que aguarda a execução de forma enigmática, mesmo que autobiograficamente precisa:

Prezada Senhora Crosby,  
Não sei quem sou.  
Atenciosamente, Charles Bukowski.

## III.

“A primeira coisa de que me lembro é de estar debaixo de alguma coisa”. Desde a frase inicial de *Misto quente*, romance ambientando na infância, até a velocidade mortal de *my first FAX POEM* (“tarde demais: eu fui abatido”), enviado ao editor John Martin dias antes de sua morte, em 09 de março de 1994, a ordem arquitetônica através da qual é construído o universo bukowskiano parece ter as linhas orientadas por aquilo que Nietzsche (2001), em seus escritos tardios, denominava “grande saúde”, ou seja: um desejo de vida que não encara o sofrimento como uma objeção à existência, uma vontade de mais vida que não diz respeito a um *mais além*, mas sim a um *é isto*, a um aqui e agora de uma vida pequena, mundana, da vida resumida a estar debaixo de alguma coisa ou a um cotovelo no balcão. Por esta via, estamos longe não apenas do grande sonho americano, mas também da verborragia, impaciência e pressa Beatnik. Em Bukowski, o atletismo é outro. Aqui, estamos mais

próximos do jejuador de Franz Kafka, o artista da fome cuja arte ninguém mais se interessa, mas cujo corpo permanece insistentemente preso a uma jaula esquecida no fundo do circo. O que ambos recusam, cada um a seu modo, é aquilo que Deleuze (1997, p.14) irá chamar “gorda saúde dominante”, o ideal de uma obturação inteiriça, “a pregnância plena de um mundo por demais categórico” (PELBART, 2009, p.44), a mandíbula cheia de dentes e forte o bastante para devorar tudo aquilo que é necessário à sua liberdade. Em tal meio, a imobilidade é *páthos*, o testemunho literário dos gestos de uma vida à esquerda dos movimentos da razão orientada por imperativos morais, de uma fragilidade e de uma transitoriedade que já são indícios de uma vitalidade distinta, onde nada mais pode ser duradouro.

#### IV.

Inspirado em *Na pior em Paris e Londres*, relato autobiográfico de George Orwell sobre o miserável período entre guerras por ele vivido na Inglaterra e na França, *Factotum* é o testemunho de um Bukowski nas décadas de 1940 e 1950, anos em que a inaptidão para o serviço militar norte-americano e a ausência de publicações fazem companhia a uma série de trabalhos braçais que têm como objetivo manter a escrita enquanto um ato possível. De certo modo, tudo o que daí emana será investido daquilo que Gilbert Lascault (2008) denomina “força tímida”, uma força ligada a uma errância discursiva desprovida de qualquer papel ou missão, que não deixa de se mostrar indecisa quanto à sua posição e a seus objetivos – um pouco como o nomadismo e a ambulação relatados por Bukowski em *Eu conheço o mestre*, comovente testemunho literário oferecido a John Fante:

Quando eu era jovem, era um escritor e passava fome. O fato de que a fome poderia me levar à morte não me incomodava muito, uma vez que a vida não me parecia interessante, e morrer não parecia uma má perspectiva – talvez uma nova embaralhada nas cartas? Laborei, de tempos em tempos, como um trabalhador comum, mas por curtos períodos. Um ou dois contracheques e eu pulava fora, mantendo-me afastado de empregos o quanto possível. Tudo o que eu precisava era de dinheiro para o aluguel e para comprar bebidas, e também para os selos, os envelopes e uma máquina de escrever (BUKOWSKI, 2010, p. 250).

Se não há nada a temer e nada a ser lamentado na morte, é porque – é nisso que insiste Bukowski (2003, p.15) – o eixo pobre ao redor do qual se costuma fazer girar a vida faz com que não nos sobre muita coisa para morrer no final do percurso. O que é terrível, então, não é a morte, mas sim a vida que se leva ou não se leva até ela. Frente a isso, trata-se de operar uma espécie de recuo: não mais as grandes avenidas; não mais o esforço militante; não mais o olhar morno com o qual estamos

acostumados. Em uma direção contrária, trata-se de uma afirmação daquilo que Agamben (2002), em visita aos gregos, denominou “vida nua”: a vida enquanto fato não qualificado, não formatado, e que por isso mesmo é capaz de se insinuar em sua plena potência, para além de bem e mal. Tal como refere Deleuze (1998, p.113), os marginais sempre nos causaram medo e um pouco de horror, simplesmente por não serem clandestinos o bastante. Ocorre que há em cada movimento errático, em cada desistência, em cada ressaca e em cada gole de mais uma cerveja, a inscrição de uma pequena fissura no cinza chumbo do concreto com o qual estruturamos as nossas certezas e os nossos valores cotidianos.

## V.

A sequência final de *Factotum*, de Bent Hamer, é definitiva. Do banco da praça à agência de empregos; do formulário preenchido com dados mínimos à garrafa de vinho envolvida por insetos e papel pardo; do soco na cara à expulsão; do lado de fora e a calçada a outro bar, à outra garrafa, à convicção expressa em *Roll the dice*:

Se vai tentar, vá até o fim.  
Senão, nem comece.  
Isso pode significar perder namoradas,  
esposas, família, trabalho... E talvez a cabeça.  
Pode significar ficar sem comer por 3 ou 4 dias,  
pode significar congelar em um banco de praça,  
pode significar cadeia,  
menosprezo, escárnio, isolamento...  
Isolamento é o presente.  
Todo o resto é uma prova de sua resistência,  
do quanto realmente quer fazer.  
E fará, apesar da rejeição  
e das piores probabilidades.  
E isso será melhor do que qualquer coisa que possa imaginar.  
Se vai tentar, vá até o fim.  
Não há outro sentimento como este.  
Você ficará sozinho com os Deuses  
e as noites irão flamejar como fogo.  
Faça. Faça. Faça.  
Vá até o fim, por todos os meios.  
Você cavalgará a vida até a gargalhada perfeita.  
É a única guerra que vale a pena.

A literatura (ou simplesmente: a vida) como valor maior. A escritura com o corpo, com o sangue, com o excesso que a distancia da moralidade vigente e dos modos de existência nela implicados: tímido esboço de uma ética, tal como esta é defendida por Foucault (2006): uma prática de liberdade, uma condução da própria vida enquanto definição de um estilo de existência capaz de

resistir às tecnologias de assujeitamento. Tal arte de viver, contrária a todas as formas de dominação, é capaz de orientar um certo número de princípios essenciais, que a seguir – e apenas a título de experimentação, despropósito e graça – aparecem resumidos, como que compondo um pequeno manual da vida cotidiana:

1. Isolar-se<sup>2</sup>;
2. Não esquecer dos detalhes em favor de nenhuma totalidade;
3. Não abraçar nenhuma noção em detrimento às sensações;
4. Jamais condenar a vida, jogando os dados outra vez e não virando as costas a um espetáculo estimulante na esquina (por menor que ele possa parecer);
5. Ter em mente o valor do pequeno (assim como a utilidade do inútil): uma outra dose; aquele brinco sobre a cômoda; o papel higiênico com a ponta delicadamente dobrada no banheiro do hotel; o obtuso do sentido; o sentimento de não estar totalmente e o gesto que consiste em pôr o dedo indicador na têmpora e movê-lo como quem aparafusa e desparafusa; um pequeno livro azul de Cortázar; a cidade esperando; o frio e a chuva e o vinho e as flores; ainda mais dias, outros dias, outras noites etc etc etc;
6. Não permitir que nenhum conceito faça esquecer o múltiplo, o primeiro dia de primavera e o último e a primeira linha deste texto e esta que agora acaba.

## VI.

### Modesta proposta

(Sete atividades didáticas para uso em Ciências Humanas, Biológicas, Sociais e Exatas)

#### 1.

Fazendo usos de filósofos, vizinhos, cientistas, dramaturgos, cineastas, pensadores, mestres, mágicos, compositores, pintores, literatos, artistas, ladrões e afins, debater de que maneira a postura ética expressa no poema *Roll the dice* pode servir como contraponto às exigências morais de nossa sociedade contemporânea;

#### 2.

Escrever um Texto-Manifesto (3 a 4 laudas) intitulado “Isolamento é o presente”;

#### 3.

Elaborar outros 14 princípios essenciais para a preparação de um manual da vida cotidiana, complementando os 6 propostos anteriormente neste texto (lembrar-se de ser leve);

4.

Sabendo que o pensamento educacional é regido por uma lógica da racionalidade que deve orientar alunos e professores, discutir de que modo poderíamos, diante das grandes sinfonias do dia-a-dia, das palavras de ordem, tagarelices e blábláblás de nossas práticas educacionais cotidianas, escutar o som das experiências mais tímidas, mais sutis (e nem por isso menos potentes);

5.

Ler o seguinte aforismo de Friedrich Nietzsche, número 327 de *A Gaia Ciência*, e então dissertar sobre ele, ao modo da crítica literária (ou então à maneira mais neutra possível): “O intelecto é, na grande maioria das pessoas, uma máquina pesada, escura e rangente, difícil de pôr em movimento; chamam de ‘levar a coisa a sério’, quando trabalham e querem pensar bem com essa máquina – oh, como lhes deve ser incômodo o pensar bem! A graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica ‘séria’! E ‘onde há riso e alegria, o pensamento na vale’: – assim diz o preconceito desta besta séria contra toda ‘gaia ciência’. – Muito bem! Mostremos que é um preconceito!”;

6.

(Para uso restrito em atividades centradas em discussões foucaultinanas): Traçar um paralelo entre a afirmação de Charles Bukowski (a) extraída do livro *Pedaços de um caderno machado de vinho*, e as de Michel Foucault (b) retirada de uma entrevista a Paul Rabinow e Hubert Dreyfus e (c) de uma entrevista a Jacques Rancière, presente em *Dits et Écrits II*, expressando de que modo a pesquisa acadêmica pode se configurar como uma prática de resistência:

a) “Um homem com o mínimo de juízo na cabeça ou de sentimento no coração jamais deveria ir para a universidade, mesmo que pudesse pagar. Não há nada que ele possa aprender por lá, senão o que aconteceu na história das coisas e ele já sabe o que aconteceu na história das coisas com uma simples caminhada a qualquer momento por qualquer quadra da cidade [...] A universidade não funciona porque não é mais do que uma extensão da história da morte. Ainda assim a sociedade diz que um homem sem a educação universitária, porque se recusa a levar a farsa adiante, deve atuar como um jogador coadjuvante ou secundário: entregador de jornais, cobrador, lavador de pratos, lavador de carros, zelador, qualquer coisa que o valha [...] Então você pensa sobre isso e resolve falar. Das duas escolhas dadas: ser um psicólogo ou um lavador de pratos, você fica com a segunda. Talvez não para salvar o mundo, mas para causar menos mal”.

b) “O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?”.

c) “Não existe realidade sociológica da ‘plebe’. Mas existe sempre qualquer coisa, no corpo social, nas classes, nos grupos, nos próprios indivíduos que escapa de certa maneira às relações de poder, qualquer coisa que não é de forma alguma a matéria primeira mais ou menos dócil, mas que é o movimento centrífugo, a energia inversa, a evasão. ‘A’ plebe não existe, mas existe ‘plebe’ [...] Esta parte de plebe, é menos o exterior relativamente às relações de poder, do que o seu limite, o seu avesso, o seu contra golpe, é o que responde a todo o avanço do poder por um movimento para se libertar; é portanto o que motiva todo o desenvolvimento das redes de poder”;

#### 7.

Falando sobre sua obra, Charles Bukowski estipulou uma medida capaz de representar de forma mais ou menos exata a natureza das matérias de escrita por ele utilizadas. Segundo ele, noventa e três por cento do que escrevia era sobre sua vida, e os sete por cento restantes eram sobre sua vida melhorada. Tomando essa fórmula como guia, escolher um fato vivido e relatá-lo, tendo o cuidado para não errar a medida entre a verdade e a invenção.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

BUKOWSKI, Charles. **O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

BUKOWSKI, Charles. **Factótum**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

BUKOWSKI, Charles. **Pedaços de um caderno machado de vinho**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

KAFKA, Franz. **Um artista de fome e A construção**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits II**. Paris: Éditions Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos v.V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_. "Sobre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho". In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LASCAULT, Gilbert. **Écrits timides sur le visible**. Paris: Le Félin, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

#### **Sobre o filme Factotum:**

Título no Brasil: Factotum – Sem destino

Título original: Factotum

País de origem: EUA/NORUEGA

Gênero: Drama

Tempo de duração: 94 minutos

Ano de lançamento: 2005

Distribuição: Califórnia Filmes

Direção: Bent Hamer

Link para a sequência final: <http://www.youtube.com/watch?v=SE4ohkuwdQ8>

---

<sup>1</sup> Psicólogo; Doutor em Educação; Docente no Centro Universitário UNIVATES/Lajeado/RS.

<sup>2</sup> Trata-se de um pressuposto idiorrímico, e não espacial. Ou seja: o isolamento é sempre o de um ritmo em relação aos outros, a garantia de seu movimento, sua permanência, ao mesmo tempo em que, para ele próprio, funciona como um imperativo ético: não subjugar, não sobrepor-se, garantir a insistência do outro.